

## Por que as pessoas acham que *neoliberalismo* é palavrão?

Na última quinta-feira vivenciei um exemplo de como as pessoas confundem a interpretação do termo *neoliberalismo*. Sentado no metrô, pensando nos artigos que gostaria de ler no final de semana, um senhor de sessenta e poucos anos (ao menos aparentava) me deu um folheto, sem pronunciar uma palavra. Achei a atitude indelicada, mas ao contrário do que seria minha reação natural (dar-lhe um “boa noite” estrondoso, por exemplo) acabei debruçando-me sobre aqueles escritos, tentando entender do que se tratava.

Era um chamado para uma manifestação que ocorreria no dia seguinte, sexta-feira, data de abertura dos jogos PAN-Americanos no Rio de Janeiro. Aconteceria na Cinelândia, no meio da tarde. **A manifestação era uma ação contrária aos jogos.** Os seus organizadores viam nele uma demonstração de horror político, com as ações violentas da polícia nos morros cariocas – como a que ocorreu no Complexo do Alemão. O folheto, para encurtar a história, era contra a ação indiscriminada do Estado frente aos cidadãos pobres, moradores de favelas e adjacências.

Até ai tudo bem. Era mais uma manifestação do pessoal da CUT e seus afiliados. Tudo normal, afinal estamos em uma democracia. Ser contra o desemprego, contra a ação indiscriminada do Estado, contra as ações de assalto a cidadãos inocentes, eu também sou. Agora, **por que** – como estava em negrito no dito folheto – **as pessoas são contra o neoliberalismo?**

Ser (neo) liberal é ser justamente contra a ação arbitrária do Estado. É ter asseguradas as mais variadas liberdades, sem sofrer coerção de quem quer que seja – desde que, claro, sua ação não gere externalidades negativas. É ter o indivíduo como centro de transformação do mundo. E não o Estado. É acreditar que somente através do indivíduo é possível construir uma sociedade melhor e não através do planejamento centralizado do Estado. Foi nesse sentido que, em 1944, o economista austríaco, Friedrich August von **Hayek**, publicava o livro *O caminho da servidão*, onde fazia uma crítica veemente a qualquer dispositivo de coerção estatal – dando ênfase crítica aos *companheiros* da URSS. Defendia as liberdades políticas e econômicas do indivíduo em sua plenitude.

Hayek é um dos maiores expoentes teóricos do (neo) liberalismo. Entretanto, o conceito de liberalismo é bem mais amplo – e mais antigo – do que a sua pessoa e seus escritos. Remota a John Locke e Adam Smith, por exemplo. Seus defensores têm a clara visão de que um Estado que interfere em demasia nas mais variadas atividades humanas acaba gerando mais problemas do que propriamente soluções.

No Brasil, ser neoliberal, ou defender idéias liberais, é como ser bandido ou “comedor de crianças”. As pessoas aprenderam que ser neoliberal é não ter coração, não ter noção de civilização, não respeitar a sociedade. De onde vem tanta idéia errada? Em uma sociedade, onde o

grande sonho de segurança e conforto, é ter um emprego público não me admira as pessoas serem **contra** a idéia de que o indivíduo é quem deve ter liberdade de ação – e não o Estado.

O liberalismo *smithiano*, por exemplo, vê na ação individual, no *self-love*, o grande propulsor do desenvolvimento econômico. O Estado deve se restringir às ações que lhe são típicas (justiça, defesa, ordem pública...). Quando a mão do Estado interfere em demasia, ela gera problemas de corrupção, ineficiências de toda a ordem e claro, coerção das liberdades individuais como bem demonstrou Hayek.

Por outro lado, no Brasil, assim como nas outras nações latino-americanas, a confusão entre público e privado é histórica (Weber, 1920). A democracia não foi fundada sob o império da lei. O Estado, por conseguinte, é controlado por uma pequena elite, atendendo aos seus interesses em oposição ao interesse coletivo – um claro desvirtuamento da noção de *Public Choice*.

O mais engraçado disso tudo é que o cidadão comum não percebe essa confusão e acaba agindo de forma a defender a existência de um Estado interventor. Não vê que o Estado brasileiro defende o interesse de uma pequena minoria, distribuindo migalhas (como o programa bolsa-família) para os menos afortunados, em medidas de descarado clientelismo. Sobre isso, por que, um cidadão comum defende a existência de um banco público como o BNDES, se este só empresta dinheiro aos ricos?

Isso tudo acontece porque a maioria das pessoas não se dá ao trabalho de entender o que é de fato (neo) liberalismo e o que essa doutrina defende. Destarte, essa mesma confusão de significados ocorreu no dito folhetim. As pessoas juntam duas coisas distintas, coerção do Estado e neoliberalismo, na mesma cesta de maldades. O leitor desavisado acaba se juntando aos descontentes e gritando “fora FMI!” (que faz tempo que não aparece por esses lados), “fora FHC!”, “não ao neoliberalismo!”, como se estivesse lutando por causas nobres.

Assim, depois de ler o tal folhetim, questionei o distinto senhor se o mesmo conhecia o significado da palavra neoliberalismo. Nos seus dizeres, após algumas frases inflamadas (e sempre retóricas), “(...) conhecer, eu não conheço. Mas só sei que é coisa ruim”. E depois as pessoas me perguntam porque eu digo, em meus momentos de suprema inspiração, que a ignorância é uma das maiores dídivas desse mundo. Esse exemplo parece provar meu ponto de vista.

VÍTOR WILHER